

“NA LUTA”

Nº15 - 2011 - ANO V

DEZ 2010/ JAN /FEV 2011

pluralidade,
informação e deficiência



ALEGRIA
DIÁLOGO
MOBILIZAÇÃO
CONSCIÊNCIA
CONQUISTA

NOSSAS PALAVRAS DE LUTA DIREITO DE TODOS

Renovando!

Caros Amigos,

Voltamos à Luta reforçando nesta edição informações importantes sobre diversidade, dando mais espaço a todas as deficiências, destacando neste número a questão da surdez. Alegria também é nosso tema, mostramos que é possível navegar em cruzeiros por mares adaptados, correr em Nova Iorque, ver as maravilhas de uma cidade preparada para todos e desfrutar de esporte e lazer com acessibilidade.

Participamos de mais uma passeata em São Paulo, valorizando o crescimento deste movimento.

Abordamos novamente a questão das células troncos. Agradecemos a premiação concedida pelos Anjos da Visão, entidade que coloca o coração no seu trabalho com os cegos, dando exemplo de solidariedade e humanidade.

E é com orgulho que anunciamos ainda a chegada de novos parceiros, que vão permitir aumentar o alcance de nossas edições e sua distribuição.

O ano mal começou e já temos muitos planos e ideias para realizar e conquistar.

Contamos com Vocês!

Ass: Equipe na Luta

**NA LUTA - Nº 15
DEZEMBRO 2010/ JANEIRO/
FEVEREIRO 2011**

**Supervisão Editorial ,
Administrativo e
Comercial: Beatriz Pinto Monteiro
Coordenação da Publicação:
Beatriz Pinto Monteiro
Tel.: 21- 2204-3960
e-mail:
naluta.informativo@gmail.com**

**Projeto Gráfico e Editoração:
Roberto Tostes
Cel 21- 8860--5854
robertotostes@gmail.com**

**Jornalistas:
Rafael Michalawski
Eduardo Lemos**

**Repórter:
Michelle Domiciano**

**“Na Luta” também em sua versão integral no site Paralamas Forever:
<http://www.paralamasforever.com/naluta.htm>
e também no Site da Mais Diferenças: <http://www.md.org.br>
E no Twitter: <http://twitter.com/nalutainforma>
Orkut: Comunidade Na Luta
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=31216821>**

**Consultores:
Antônio João Menescal Conde
Jefferson Maia
Lia Likier Steinberg
Stefânio Vieira
Vera Bayma**

**Voluntária:
Kátia Medeiros
Valéria Reis**

**FOTOS:
Matéria: Urece – Gabriel Mayr
Matéria - Turismo Adaptado no Mar - Ricardo Shimosakai
Matéria - O doce sabor: da Big Apple - Fred Carvalho
Matéria – Falando pelas Mãos - Nilton Câmara
Demais matérias - equipe “Na Luta” e Arquivos pessoais**

**Apoio:
Mais Diferenças Educação e Inclusão Social**



**www.walprint.com.br
UNIDADE BONSUCCESSO
Rua Frei Jaboatão, 295 -
Bonsucesso CEP: 21041-
115 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 2209-1717 -
walprint@walprint.com.br**

As matérias e conteúdos deste informativo podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte. As opiniões expressas são as transcrições literais dos depoimentos prestados, não representando, em sua totalidade, necessariamente a opinião e a linha editorial desta publicação.

URECE: exemplo de lutas e conquistas no esporte para cegos



A Urece Esporte e Cultura é uma associação sem fins lucrativos localizada no Rio de Janeiro, e tem como finalidade promover práticas esportivas e culturais para cegos e deficientes visuais. Fundada em 25/10/2005, ela completa 5 anos de atividades e iniciativas que garantiram seu espaço no paradesporto nacional.

O primeiro passo da associação foi criar o seu website institucional - www.urece.org.br - em que eram apresentadas de forma genérica as modalidades esportivas para cegos, e como seria o nosso trabalho. Em pouco tempo este site se tornou uma das mais relevantes fontes de informação sobre esportes para cegos do Brasil.

Em 2007, pouco mais de um ano após a fundação, a Urece criou sua primeira equipe esportiva, com seis atletas do atletismo. Aos poucos, mostrando a realização de um trabalho sério e com a competência dos profissionais envolvidos, muitos outros esportistas aderiram ao projeto. Em 2008, a Urece criou as equipes coletivas nas modalidades de goalball masculino e feminino e futebol masculino. Em 2009, nova expansão, abrangendo as modalidades de natação e futebol para mulheres cegas.

Suas equipes treinam em espaços cedidos através de acordos com grandes clubes ou órgãos, como por exemplo o America Football Club, o Botafogo de Futebol e Regatas e a Superintendência de Esportes do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ).

A excelência do trabalho desenvolvido fez com que a Urece conseguisse colocar diversos atletas nas seleções brasileiras de suas respectivas modalidades. Felipe Gomes participou das Paraolimpíadas de Pequim, enquanto Filipe Silvestre foi artilheiro da seleção brasileira de goalball masculino durante mundial da categoria (Inglaterra, 2010). Mas é na formação de atletas que a Urece e principalmente Fábio Dias, treinador das equipes de goalball e atletismo, se destacam como uma das referências no país.

Através de suas escolhinhas de remo e atletismo, a associação vem revelando diversos talentos. Livishton Costa, tricampeão mundial junior e considerado por muito tempo o cego mais rápido do mundo abaixo de 19 anos foi apenas o precursor de tal tendência. Na sua esteira, veio a jovem Viviane Soares, que com apenas 13 anos, conquistou três medalhas de ouro no Mundial de Jovens (EUA, 2009) e 3 de ouro e uma de prata no Pan-Americano sub21 (Colômbia, 2009).

Seguindo o exemplo de Viviane, vieram atletas como Alice Corrêa, que com apenas 14 anos se tornou recordista brasileira adulta do salto em distância (categoria T12), Jhulia Karol dos Santos (amazonense que trocou sua cidade natal pelo Rio de Janeiro, em busca de melhores con-

dições de treinamento), Diogo Ualison, Luan Mendonça, entre muitos outros. O trabalho de base da Urece chamou atenção inclusive do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), que em 2010 deu início a um projeto de parceria com a associação visando a formação de novos talentos.

Expandindo suas atividades para fora do Brasil, a Urece mostrou que o paradesporto é um movimento global, em que as engrenagens, se trabalhando juntas, atingem um melhor resultado. Foi assim que o gerente de projetos e relações internacionais Gabriel Mayr tornou-se um dos precursores do futebol para mulheres cegas no mundo, ao ser um dos organizadores do primeiro workshop da modalidade, que aconteceu na cidade alemã de Tubingen, no ano de 2007. Paralelamente, Gabriel Mayr concretizava sua tese de mestrado, pela qual ele iniciou a prática do futebol para cegos na República Tcheca. Ele, ao lado do atleta e vice-presidente da Urece, Marcos Lima, levaram a cabo o projeto Esquiando no Escuro, que levou o primeiro cego brasileiro a esqui na neve (República Tcheca, 2008).

Em 2009, através de contatos iniciados por Gabriel Mayr em 2007, a Urece deu início a um dos seus mais célebres projetos. Com atletas provenientes de outras modalidades, a Urece constituiu a primeira equipe de futebol para mulheres cegas do continente. Depois de três meses de treinamento e tendo como madrinha a jogadora Marta, a equipe viajou a Alemanha onde, disputando sua primeira competição oficial, conquistou de forma invicta o Campeonato Mundial de Futebol para Mulheres Cegas (Alemanha, novembro de 2009).

Em 2010, a área de relações internacionais da associação deu novo passo para concretizar os intercâmbios como formas viáveis de promoção do paradesporto, a Urece contratou o jogador argentino Lucas Rodríguez (bicampeão mundial e um dos principais atletas da história da modalidade em seu país) para disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol para Cegos, integrando a equipe da Urece. O projeto, que também teve um forte viés cultural, ganhou grande repercussão na mídia em reportagens com o atleta argentino Conca, jogador do Fluminense e teve um imenso impacto entre as demais equipes brasileiras.

Assim, também em 2010, liderada por Gabriel Mayr e com patrocínio da Copagaz, a Urece voltou-se para a expansão do futebol para mulheres cegas a outras regiões do país. Visando promover o primeiro campeonato brasileiro de futebol para mulheres cegas, a associação organizou diversos workshops em diferentes regiões brasileiras. Voltados para professores de educação física e para meninas que desejassem praticar a modalidade, o projeto teve como objetivo permitir a formação das condições necessárias para o surgimento de novas equipes.

Gabriel Mayr e Marcos Lima



A Urece mostrou que o paradesporto é um movimento global, em que as engrenagens, se trabalhando juntas, atingem um melhor resultado.



Anjos de Visão

promove dois eventos à Vitória

Beatriz Pinto Monteiro, Coordenadora do Na Luta



O grupo Anjos de Visão que é Presidido por Cheila Felton homenageou setenta mulheres que se destacam nas ações ligadas ao movimento inclusivo das Pessoas com Deficiência com a belíssima criação do escultor Valdir Lopes a estatueta Vitória

Sob um grandioso e comemorativo evento, subdividido em dois momentos, duas datas próximas e significativamente ligadas à questão da deficiência no Brasil e no mundo, o grupo Anjos de Visão - AV, que é formado em sua maioria por Deficientes Visuais - DV, ligados ao Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, realizou nas duas festas a entrega da estatueta Vitória às escolhidas.

Festa da Vitória

A primeira das noites de gala foi no dia 24 de setembro, na semana em que se celebrou o “Dia Nacional de Luta da Pessoa com de Deficiência (21 de setembro)”, num ato de valorização da vida através da premiação de mulheres reconhecidamente especiais, que ainda atuam ou já militaram contra as adversidades às Pessoas com Deficiência- PcD e essa festa se deu no teatro do Instituto Benjamin Constant.

O ator Fernando Resky esteve presente incentivando à iniciativa, enquanto Eduardo Araujo apresentou o evento chamando ao palco a líder dos AV, Cheila Felton, e o escultor da estatueta Vitória, Waldir Lopes, para abrir o evento na execução do Hino Nacional, com intérprete em libras, seguindo na apresentação institucional do patrocinador – Banco Bradesco – tem como uma das apresentadoras, a DV Viviane Ferreira Silva, que já há oito anos trabalha na casa. Na sequência com a dança cigana do grupo de Dvorah Darah, composto por meninas deficientes intelectuais da Sociedade Síndrome de Down do Rio de Janeiro. O que gerou emoção comum no ambiente pela arte e competência no sentido da inclusão.

A primeira estatueta entregue, in memoriam, foi à mulher que dedicou sua vida aos cegos do Brasil e do mundo: Sr^a Dorina Nowill, falecida em agosto, no terremoto do Haiti, com vídeo institucional da Fundação Dorina Nowill e discurso proferido pelo Sr. Marcos Passos, da Associação Macaense de Apoio aos Cegos – AMAC, a noite seguiu, sendo chamadas para receber a estatueta: Nena Gonzalez do Instituto Novo Ser; Débora Morand - Projeto Volei Adaptado na Praia; Eliane Pereira – Atleta da Natação do IBC e membro do AV; Jeysan Kelle – Atleta URECE; Natacha R. Silva – Atleta de Golbol do IBC; Therezinha Guilhermina – medalhista paraolímpica do Brasil e Cláudia

dia Cícero – Campeã do Remo adaptado em 2007.

A apresentação do Grupo de Dança – Cia de Dança Sobre Rodas, de Paula Nóbrega, e estas mesmas pessoas que se belamente se apresentaram, deram sequência com a premiação de Betânia Alves – Bailarina do grupo de Dança Sobre Rodas e Paula Nóbrega – Coordenadora Geral do grupo; e fechando o bloco com a Fernanda Honorato com Deficiência Intelectual e Rainha de Bateria da Primeira Escola de Samba Inclusiva no Mundo, a Embaixadores da Alegria.

Ainda nas premiações, as mulheres do IBC: Érica Deslandes Oliveira – Diretora Geral; Márcia Nabóis – Dir. de Departamento de Estudos e pesquisas médicas e reabilitação; Elcy Mendes – Assessora Geral da diretoria; Maria Odete Duarte; Helena S. Ferreira; Ana Lúcia Silva; Clara Fonseca – ceramista/docente; Kete Queiroz – Diretora Geral das Revistas em Braille; Leonidia Borges – Coordenadora da fisioterapia e prof., mestra em ciência da motricidade e Dra. Maria Cristina Barczinski – Psicóloga.

Terminando essa primeira noite de homenageadas: Beatriz P. Monteiro – Diretora geral do Jornal ‘Na Luta’; Márcia Mury – Economista; Sandra Nóbrega – Casa de Apoio a Criança com Câncer Santa Teresa (CACST); Sheila Melo – ONG Guerreiros da Inclusão; Danielle D. Souza – artista plástica Ass Pintores com a Boca e os Pés (APBP); Maria Antonieta Leopoldi – Retina Rio e Domingas Rocha – Secretaria Executiva da CEPED

A noite fechou com os dançarinos do grupo AV que apresentaram o Show da Bengala Branca, de Cheila Felton em homenagem ao Lions Clube Internacional, criador da bengala para o equilíbrio dos cegos, com coreografia do Prof. Álvaro Reys, e tendo como um dos dançarinos, o autor da estatueta Waldir Lopes.

Encontro da Vitória



A segunda noite do evento foi intitulada, Encontro da Vitória, no mês em que se celebra o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência o Dia Internacional da PcD (3 de dezembro) foi no dia 4/sábado. Este após à I Festa da Vitória, ocorrida em 11 de setembro de 2010, completando a premiação das homenageadas pelo AV com a estatueta Vitória. Dessa vez, também no teatro do IBC, no bairro da Urca. Que teve dessa vez como cerimonialista Fernando Reski, que, igualmente ao primeiro evento, começou com Cheila Felton e Waldir Lopes, para abrir o evento e a execução do Hino Nacional também interpretado em libras.

Em respeito à produção seqüenciada do primeiro evento o Encontro da Vitória seguiu o mesmo roteiro com o patrocinador – Banco Bradesco. E com a dinâmica de entremear premiação e atividades culturais.

De novo, a exibição do vídeo Momento de Argila, do IBC, com mostra dos trabalhos dos ceramistas cegos incluindo a confecção da estatueta Vitória de Waldir Lopes. E também a Escola de Samba Embaixadores da Alegria, seguida da premiação de Renata Monnier, coreógrafa da comissão de frente da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti com cegueira e surdez parcial. Novamente seguida da dança cigana Dvorah Darah, com o vídeo de suas alunas com Síndrome de Down, e recebendo sua respectiva premiação.

Seguindo as premiações de: Cintra Girelli – Fotografa; Cláudia Werneck – Escritora e Pres. da Escola de Gente Comunicação em Inclusão do RJ; Cristine Paes – Primeira dama do município do Rio de Janeiro/Pres. do RIOINCLUSUI; Denise Granja – Pres. CO-NADE / Brasília; Eliane F. Baptista - Esposa do governador do Lions 2010/Centro – Mater; Ethel Rosenfeld - Diretora Técnica do Projeto Cão Guia Brasil; Flavia Cintra – Jornalista; Gilda Alves – mãe do artista plástico APBP, Luciano Alves; Gilda Almeida – Pres. Lions Clube – Itaboraí; Helena Werneck - Coord. Geral do Inst. Meta Social do Rio de Janeiro; Isabel Loureiro Maior – Secretária Ministério Ação Social (antiga CORDE); Izabel Gimenes – Secretária Municipal da PcD (Rio de Janeiro); Josefa Guimarães – Pres. Lions Clube – Sernambetiba; Juliana Oliveira – Apresentadora do Programa Especial TV Brasil; Kênia Rio - Pres. da ANAERJ; Laura Negro – Coord. De Projetos Sociais do Supermercado Mundial; Leny Bello – Pianista e Produtora de eventos musicais; Licia Marca - Subsecretária da SMPD (Rio de Janeiro); Márcia Paiva – Ginecologista – Lions Clube – Centro Mater; Márcia Gori – Pres. Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência/SJRP; Maria Cícilia de Freitas – Soham - Equoterapia do Rio de Janeiro; Maria da Gloria Mota - Secretária Executi-

va Organização Nacional dos Cegos do Brasil/ Brasília; Maria Luiza de Oliveira - Lions Clubes - Campo Grande; Maria Lygia Magalhães - Pres. do Lions Clube - Centro Mater; Marília Teresa Anna - Administradora, Advogada e Gerente do Corporativo da Casa de Apoio a Criança com Câncer Santa Teresa (CACCSST); Mayara Maciel – Jornalista do Instituto Muito Especial; Nilcéia Freire - Ministra da Secretaria da Mulher/Brasília; Patricia Ricardo - Secretária Executiva; Rose Moraes – Ateliê de Maquiagem e Produção; elna Aragão – 2ª Vice Governadora do Lions Clube – Copacabana; Shizue Tamaki - Coord. Geral do Projeto Jardim Sensorial; Tarcisa de Oliveira – Cantora; Valdeci Soledade Pimenta - Mãe do Dudu (Deficiente Intelectual), mestre sala da escola de samba Embaixadores da Alegria; Valeria Carvalho – Pres. da AVAF; Virginia Kastrup Lattes - Prof. Dra. Psicologia da UERJ; Viviane Ferreira Silva - DV/Funcionaria padrão do Banco Bradesco de São Paulo; Wilma Githy - Mãe do (DV) ator, compositor e cantor Gabrielzinho do Irajá. Foi grande a emoção no teatro nos depoimentos das homenageadas que resumiram as dificuldades apresentadas e agradeceram ao reconhecimento.

No mais, fechando essa segunda noite, a exibição do vídeo do Grupo de Dança – Cia de Dança Sobre Rodas, Paula Nóbrega e os Anjos de Visão que reencenaram o Show da Bengala Branca e mais, inovando como destaque do evento a moda inclusiva, na participação de modelos com deficiência no desfile “Moda da Inclusão” com os modelos usando camisetas da Inclusão do Grupo AV “Nada sobre nós sem nós”, impressas em Braille ou Libras, bordadas com os sinais indetificativos de todas as deficiências. Ainda a apresentação de bijuterias recicladas do grupo; a nova coleção de roupas feita sob medida para pessoas com nanismo da ANAERJ - “Nós existimos”; camisetas do Instituto Meta Social - “SER DIFERENTE É NORMAL”; camisetas da Casa de Apoio a Criança com Câncer de Santa Teresa - “Câncer não é contagioso, mas solidariedade é”; camisetas da Sociedade Síndrome de Down do Rio de Janeiro e camisetas do grupo de Equoterapia SOHAM, impressas também em Braille - “Vivência que faz a diferença”. E colorindo mais ao desfile, a execução da música “Mensagem de Luís Braille”, por Waldir Lopes, cantada em francês para homenagear ao homem que deu a luz do conhecimento aos cegos do mundo com o alfabeto BRAILLE. Ao final, a festa, com mensagens positivas na apresentação do Bloco ‘Beijamim no Escuro’, com animados sambas de valorização da vida, comprovando que as dificuldades são muitas, mas a força da superação é maior.

Passeata Superação:

São Paulo

Por: Rafael Michalawski e Eduardo Lemos

A cidade de São Paulo recebeu pelo sétimo ano consecutivo a Passeata pela Inclusão das Pessoas com Deficiências. O evento ocorreu num sábado, dia 04 de dezembro, e foi organizado pelo Movimento SuperAção e pela ONG Mais Diferenças. A Passeata tradicionalmente celebra o Dia Internacional das Pessoas com Deficiências Físicas, que é comemorado no dia 03 de dezembro. Teve como ponto de partida a Praça da República e percorreu as ruas centrais de São Paulo até o Vale do Anhangabaú. Contou com a participação de cerca de 500 pessoas com e sem deficiência (segundo os organizadores). A novidade foi que, em 2010, a Passeata fez parte da 1ª Virada Inclusiva do Estado de SP.

Após transitar pelo centro da cidade, a passeata chegou ao Vale do Anhangabaú, onde foi montado um palco para shows e apresentações culturais. Logo no início subiram ao palco Luís Mauch, coordenador da ONG Mais Diferenças e Billy Saga, presidente do Movimento SuperAção. Billy ressaltou que “há 7 anos, a passeata e os shows eram apenas um sonho e que, hoje, isso se tornou realidade”. Agradeceu ainda a todos os artistas que não cobraram cachê para se apresentar, entre eles a banda NX Zero. Luís afirmou “que a causa não depende só do poder público. E sim, de toda a conscientização da sociedade”.

Em seguida, o palco recebeu a presença de Linamara Rizzo Battistella, responsável pela secretaria estadual dos direitos da pessoa com deficiência e de Marcos Belisário, secretário municipal da pessoa com deficiência e mobilidade reduzida.



JINDO DIFE
defesa dos direitos





O grande desafio agora é fazer com que o Movimento possa se espalhar pelo Brasil e pela América Latina

Em entrevista à equipe do Na Luta, Linamara ressaltou algumas medidas da Secretaria, como “um calendário especial de vacinas para crianças com síndrome de Down e a criação de dezessete unidades de reabilitação em todo o estado. Ainda na área da saúde são feitos testes em crianças para prevenção de deficiências auditivas e visuais”.

Linamara citou ainda “a participação no Plano Estadual de Habitação, com um acordo exigindo que todas as habitações de interesse social sejam 100% acessíveis, incluindo o seu entorno”. A secretária garantiu ainda “que as estações de metrô de São Paulo estarão acessíveis até o final de 2011. E, que 70% das estações de trem da CPTM, também estarão acessíveis. Já na área da educação ela ressaltou “medidas de desenvolvimento de livros e dicionários acessíveis (em braile), além de estratégias de capacitação para professores além da criação do Observatório dos Direitos Humanos, órgão que seleciona e premia as 10 melhores práticas de inclusão desenvolvidas no estado de SP”.

Nossa equipe conversou também com Carla Mauch, coordenadora geral da ONG Mais Diferenças. Ela comentou

“que o grande desafio agora é fazer com que o Movimento possa se espalhar pelo Brasil e pela América Latina, agregando novas pessoas e seguir lutando para que os direitos, que já são garantidos, sejam universalizados a todas as pessoas com deficiências”.

Há sete anos a Passeata busca chamar a atenção da sociedade e da classe política sobre a causa dos portadores de deficiências. Trata de assuntos relacionados à acessibilidade de vias e locais públicos, da luta pela inclusão dos portadores de deficiência na sociedade civil, do respeito às diferenças e combate ao preconceito. Teve início na Avenida Paulista e, após esta ter se tornado totalmente acessível, mudou-se para a região central da maior cidade da América Latina, que ainda não conta com todos os recursos de acessibilidade. A Passeata já se expandiu para outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e Porto Alegre. Segundo Billy Saga, presidente do SuperAção, “os próximos destinos são Natal, Recife, Belo Horizonte e Fortaleza. Já houve também uma edição internacional, em Buenos Aires (Argentina) e nosso próximo objetivo é tentar chegar à Europa, em Barcelona (Espanha)”.



Na Internet:

- ONG Mais Diferenças: <http://www.maisdiferencas.org.br>
- Movimento SuperAção: <http://www.movimentosuperacao.org.br>
- Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SP): <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/>
- Áudio das Entrevistas p/ Download: http://www.paralamasforever.com/NaLuta/entrevistas_superacao2010.zip

Turismo Adaptado no Mar

Os cruzeiros em sua maioria são acessíveis e tem uma tripulação preparada para atender pessoas com deficiência. Abaixo será passado um panorama geral dos navios de cruzeiro e serviços da Royal Caribbean como exemplo. Mas também é possível viajar por outras companhias de cruzeiros. Para isso, procure a Turismo Adaptado, uma das únicas agências de viagens brasileira a atender o turista com deficiência e mobilidade reduzida com qualidade e segurança. Ao primeiro contato, serão coletadas informações a respeito das necessidades de cada passageiro, para que as acomodações e atendimento sejam personalizados, e assim tornar a experiência em um cruzeiro a mais cômoda e agradável possível. Lembrando o descrito abaixo é um panorama geral, então alguns navios podem não conter necessariamente todos os recursos descritos, por isso a importância de se procurar um agente de viagens qualificado.

Se solicitado com antecedência, a Royal Caribbean poderá providenciar ônibus equipados com elevador para fazer o traslado de hóspedes entre o aeroporto e o cais. Esse serviço é oferecido sem custo extra a hóspedes de pacotes aéreos/marítimos ou àqueles que compraram traslados somente de cruzeiro. Consulte a Turismo Adaptado para obter mais detalhes.

De vez em quando, as instalações do porto, congestionamentos e condições meteorológicas podem impossibilitar a atracação do navio em um determinado porto de escala. Nesse caso, o navio será ancorado ao largo e barcos auxiliares serão usados para levar e trazer os hóspedes para o continente. Será feito de tudo para acomodar todos os hóspedes em cada porto. No entanto, em alguns portos com serviço de barco auxiliar, é possível que os hóspedes enfrentem dificuldades na transferência do navio para a lancha. A segurança dos hóspedes e da tripulação vem sempre em primeiro lugar, e a decisão de transferir os hóspedes por barco auxiliar é tomada pela Royal Caribbean caso a caso. A situação dos portos está sujeita a alteração sem aviso prévio.



Para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida é oferecido balcão de atendimento acessível e auxílio no embarque e desembarque. No interior do navio existem elevadores hidráulicos para piscina e hidromassagem. Há cabines com acesso para cadeiras de rodas que variam de 14,7 a 27,6 m², com 1,5 m para manobra em torno da cama, nos banheiros e na área de estar e localizadas próximas a elevadores. Cassinos são uma das diferentes atrações oferecidas a bordo, e que não é encontrado em território brasileiro, e o Casino Royale está adaptado para receber cadeiras de rodas, e oferece uma grande variedade de jogos, como blackjack, caça-níqueis eletrônicos, craps (jogo de dados) e roleta.

Além de portas largas para a cabine e banheiro. O interior do banheiro possui barras de apoio, banco reclinável no chuveiro, duchas giratórias, assentos sanitários elevados e pias rebaixadas. Complementam penteadeira, cofre e cabideiro rebaixados, além de varandas com acesso para cadeira de rodas em algumas cabines, para contemplar uma vista deslumbrante. Também há uma série de equipamentos disponíveis a bordo, como bancos no chuveiro, extensões de cama, assentos sanitários elevados e bancadas de transferência. Entre em contato conosco antes do embarque se estiver interessado.

As companhias de cruzeiros marítimos são estrangeiras e acostumadas a lidar com turistas com deficiência, em países que possuem um conceito de independência mais avançado forte e onde se costuma viajar com frequência. Por isso os navios foram fabricados com um bom nível de acessibilidade e os tripulantes foram treinados para atender esse segmento de público.

Para pessoas com deficiência visual, cabines, áreas de refeições e áreas públicas foram projetadas para incorporar o Braille sempre que possível. Os deliciosos restaurantes com Culinária

Internacional, Sorveteria Bem & Jerry's e o Champagne Bar possuem cardápios em Braille e impressos com letras grandes para pessoas com baixa visão, recurso aplicado também nos manuais de serviços do cruzeiro e programa diário de atividades. Cães-guia são permitidos a bordo e uma caixa de madeira 1,20cm x 1,20cm com folhas de cipreste será fornecida. Botões do elevador em Braille e sinalização com dispositivos de áudio, além de um embarque prévio para tours de orientação.

Certa vez nos Estados Unidos, foi realizado um grande encontro de cegos que possuem cão-guia em um cruzeiro, e foi um grande sucesso. Em Janeiro de 2011 a SATH (Society for Accessible Travel and Hospitality), uma associação de turismo acessível da qual sou membro, realizará um congresso num cruzeiro onde reunirá dezenas de pessoas com diferentes tipos de deficiência. Isso mostra a capacidade de atender grupos de viajantes com deficiência, um costume mais habitual no exterior.

Para pessoas com deficiência auditiva, será disponibilizado na cabine um kit portátil que inclui um sistema de alerta visual-tátil para batidas na porta, toque de telefone, despertador e detector de fumaça. Poderá ser disponibilizado na cabine um teletipo, onde o aparelho estará ligado ao balcão de atendimento ao passageiro para atender a todas as suas necessidades na cabine. Televisões com legenda codificada estão disponíveis em todas as cabines da frota. Todos os itens acima são fornecidos mediante solicitação. Telefones amplificadores estão disponíveis nas cabines e nas áreas públicas e sistemas de auxílio auditivo estão localizados no palco principal em todos os navios onde são apresentados musicais, peças teatrais e shows.

Há cruzeiros em diversas partes do mundo, onde podemos estar junto a locais fantásticos como, por exemplo, as geleiras da Antártida. A duração do cruzeiro também varia, tendo desde cruzeiros curtos de três dias até aqueles que atravessam o oceano e duram mais de um mês. Para alguns cruzeiros da costa brasileira, conseguimos oferecer uma promoção única, onde o segundo passageiro é grátis, pagando somente taxas de embarque e o valor apesar de não ser alto, pode ser feito em um pagamento facilitado de até 10 vezes.

Pessoas com outros tipos de necessidade também são muito bem-vindas aos navios. É permitido passageiros que precisem de diálise peritoneal ambulatorial contínua, entretanto, a tripulação do navio não está preparada para auxiliar em tratamentos de hemodiálise nem tão pouco administrá-los. Esses passageiros devem providenciar para que as soluções e os equipamentos necessários para realizar a diálise sejam entregues no navio no dia do embarque, com pelo menos duas horas de antecedência. Para



obter mais informações sobre políticas e procedimentos, entre em contato com o agente de viagens. Todos os tipos de oxigênio são permitidos a bordo. Mas é importante avisar sobre a quantidade, o tipo e o horário de entrega. Cada navio tem uma política de bagagem; no entanto, você poderá manter todos ou quase todos os cilindros na cabine.

Os cruzeiros ainda contam com Parede de Escalada, Solarium com teto retrátil, Campo de Minigolfe, Salão de Beleza, SPA e Centro de Fitness, Sauna, Boutiques, Internet Café, Teen Disco, Viking Crown Lounge e Room Service 24 Horas.

Passageiros com deficiência dos tipos cognitivas, intelectuais e desenvolvimentais, como o autismo, paralisia cerebral, síndrome de Down e doença de Alzheimer serão atendidos mediante solicitação, para que seja feito todos os esforços para fornecer acomodações que atendam às necessidades. Podem ser fornecidas acomodações para dietas especiais, além das facilidades no embarque e desembarque. Para crianças com deficiência, o programa Adventure Ocean voltado ao público infantil, o agrupamento será feito por habilidade em vez de por idade além do serviço de babá, abrindo exceção à política do Adventure Ocean de somente aceitar crianças que já saibam usar o banheiro.

O conceito do turismo para todos é uma forma segmentada da inclusão, por isso difundi-la é algo muito importante para a sociedade em geral. Os cruzeiros são um dos melhores exemplos onde isso é praticado. Pois, respeitando os limites de cada um, não há locais que não possam ser acessíveis, nem experiências que não possam ser realizadas. Basta que haja força de vontade da parte da pessoa, e que sejam oferecidas condições. Tornar isso uma realidade cada vez mais presente em nosso cotidiano é a missão que a Turismo Adaptado vem buscando em todas as áreas do lazer e turismo. Acompanhe nosso portal onde são postadas notícias diariamente sobre acessibilidade e inclusão no lazer e turismo.



RICARDO SHIMOSAKAI

*Agente de Viagens e Consultor de Acessibilidade e Inclusão
facebook, twitter, orkut e YouTube - procure turismoadaptado
Tel: 55(11) 3846-6333 - Cel: 55(11) 9854-1478
ricardo@turismoadaptado.com.br
www.turismoadaptado.wordpress.com*

O doce sabor:



Pensava em uma cidade quase totalmente acessível que possibilitasse a inclusão da pessoa com deficiência, motora, visual, auditiva, etc... Era um desejo quase utópico, um sonho.

Mas ela existe, e pude “testa-lá” na primeira semana de novembro. Falo de New York, a cidade que nunca dorme, a cidade mais populosa dos EUA. São cinco distritos: Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens e Staten Island que possuem uma população estimada em 2009 em mais de 8,3 milhões de pessoas e com uma área territorial de 790 km², Nova Iorque é a grande cidade mais densamente povoada dos Estados Unidos. A população da região metropolitana de Nova York é também a maior do país, estimada em mais de 19 milhões de pessoas em 17 400 km². Além disso, a Área Estatística Combinada contendo a Grande Nova York possui mais de 22 milhões de habitantes.

Fiquei impressionado com a organização da cidade, com o mapa na mão, passei a explorar a metrópole. As guias rebaixadas e as calçadas bem cuidadas são a garantia de um passeio seguro. O serviço de transporte público funciona perfeitamente. Todos os ônibus possuem rampas de acionamento hidráulico e piso rebaixado, além disso eles quando param rebaixam a suspensão em aproximadamente 10 cm, isso facilita muito nosso acesso. O motorista auxilia no correto posicionamento da cadeira de rodas e na colocação do cinto de segurança, e ainda é grátis para portadores de deficiência. Todos os sanitários que entrei eram totalmente acessíveis, até em uma pequena cafeteria no Brooklyn

O metrô, o maior do mundo com 368 quilômetros de extensão e 468 estações é utilizado por 1,4 bilhões de pessoas anualmente. tem um grande proble-

ma, principalmente no meu caso que sou cadeirante, a maioria das estações não possuem elevadores, mas o metrô já iniciou o projeto de adequação das estações e a colocação de elevadores e em poucos anos desejam ter 100% das estações acessíveis. Mas eu recomendo um passeio pelos túneis que cortam NY, nele toda a diversidade cultural pode ser sentida. Pessoas de todas as partes do mundo convivem em harmonia, pelo menos não presenciei nada que representasse o contrário. Cores, aromas, sabores, pessoas, culturas, hábitos, todos juntos. Siga até a Grand Central Terminal, escolha seu destino e curta o passeio.

Ainda sobre o transporte, fica uma dica evite os taxis, pelo menos a experiência que tive não foi boa, a maioria dos taxistas não desceram para ajudar a guardar a cadeira no porta malas.

Faça os programas que todos os turistas fazem, 5 Th avenue, Time Square, estátua da liberdade, teatros da Broadway, o terraço do o Empire State Building, o Rockefeller Center, mas não perca a oportunidade de explorar a cidade. Os parques são encantadores,



da Big Apple

verdadeiras ilhas de tranquilidade em uma cidade com o ritmo frenético.

Fui para New York participar da maratona de NY, uma das mais desejadas corridas de rua do mundo, fiz parte da delegação brasileira composta de oito atletas da Achilles International. A Achilles International é uma entidade presente em mais de 70 países que apoia e incentiva a prática do paradesporto. Fundada em 1983 em New York por Dick Traum, um amputado acima do joelho e por um grupo de entusiastas pelo esporte, aqui no Brasil ela é representada e dirigida pelo Prof. Mário Mello.

Um exemplo de que o esporte é uma excelente ferramenta de inclusão, mais de 250 atletas portadores com algum tipo de deficiência encararam o frio, o vento forte e às 8h00 após a execução do hino americano partimos da ponte Verazzano em Staten Island, um dos distritos de Nova York, percorrendo os 42.195 metros por todos os quatro outros (Brooklyn, Queens, Bronx e Manhattan), com chegada no famoso Central Park.

A primeira edição da Maratona de Nova York foi realizada em 1970 e contou com somente 127 participantes. O percurso, que era ao redor do Central Park, foi concluído apenas por 55 atletas. Passados mais de 30 anos, esses números foram significativamente alterados - atualmente a prova conta com a participação de aproximadamente 40.000 corredores procedentes de 120 países. Além disso, a prova conta com mais de 2 milhões de pessoas que saem às ruas para acompanhar a competição e 315 milhões de telespectadores ao redor do mundo.

A Maratona de Nova York faz parte, junto com Boston, Chicago, Berlim e Londres, do World Marathon Majors (WMM), o circuito das maiores maratonas mundiais. Mas Nova York é a mais popular, Como o número de interessados é sempre maior que o número de inscrições disponíveis, antes de se inscrever os maratonistas devem participar de uma loteria. Todos os anos, cerca de 100 mil pessoas participam deste sorteio on line (www.ingnycmarathon.com), a organização limita a prova em aproximadamente 40 mil inscritos. A interação com outros atletas do mundo inteiro foi muito importante, a troca de experiências, dicas sobre treinamento, equipamentos, alimentação, foi uma oportunidade maravilhosa.

A corrida foi muito difícil, o frio e o

vento forte promovem a sensação térmica negativa, mas o público nas ruas incentivam o percurso inteiro, é emocionante ouvir centenas de pessoas gritando seu número a cada esquina. Bandas tocando uma diversidade de estilos e ritmos, de gospel a punk rock, clássica e corais de crianças, grupos folclóricos do mundo inteiro, uma mistura de culturas e tradições. Foi uma experiência única, a energia positiva que recebemos do público é algo indescritível, não encontro palavras que descreva, essa energia não se vende, só consigo seguir durante uma corrida, acho que estou viciado e dependente disso.

Uma tradição é desfilar pelas ruas de NY com a medalha no peito no dia após cruzarmos a linha de chegada no Central Park, somos parabenizados, aplaudidos, até uma policial desceu da viatura e me deu um abraço, achei aquilo muito divertido. Não é “pagar mico”, faz parte da cultura da cidade que para apenas para assistir os corredores cruzar suas ruas.

Maiores informações sobre corridas de rua em cadeiras de rodas podem acessar meu web site Cidades Sobre Rodas www.fredcarvalho.blog.br

*Fred Carvalho
Cidades Sobre Rodas
www.fredcarvalho.blog.br*



Museu do Futebol de São Paulo promove visita acessível a cegos

Por: Rafael Michalawski e Eduardo Lemos

O Museu do Futebol de São Paulo promoveu no mês de agosto uma visita monitorada voltada aos portadores de deficiências visuais. O objetivo deste encontro foi demonstrar e testar todas as alterações feitas no museu em prol do público cego, elaboradas pelo Projeto Deficiente Residente, iniciativa dos educadores e supervisores do Núcleo de Conteúdo do Museu do Futebol sob a coordenação de Laerte Machado Jr.

A idéia nasceu através de testes com os monitores do museu. Eles percorreram os espaços com os olhos vedados e identificaram algumas necessidades e recursos que o local deveria ter, além do que já possuía, como braile e piso tátil. A primeira demanda foi a necessidade de disponibilizar monitores especializados com a capacidade de guiar os cegos, descrevendo formas, cores e números dos objetos expostos, interagindo de uma maneira mais incisiva com esse visitantes.

Outra ideia aplicada ao projeto foi a parceria com os deficientes visuais, José Vicente e Paulo Pitombo, que prestaram serviços ao museu durante três meses a fim de sugerir adaptações e trocar experiências e informações com a coordenação do projeto, na busca de melhorias acessíveis. José Vicente ressaltou à reportagem do Na Luta que “a instalação de materiais de boa qualidade – placas, maquete do estádio, braile e piso tátil”. Ele lembra, ainda, a qualidade dos recursos de áudio. “O rádio é o xodó do público cego. A qualidade do som nas locuções dos gols antigos é incrível. E o recurso do áudio-guia permite ao cego fazer todo o trajeto do museu sozinho”.

Um dos grandes destaques do Museu do Futebol está situado logo no hall de entrada - uma maquete tátil, onde estão representados o estádio e seu entorno, incluindo o centro



esportivo do Pacaembu e as principais ruas do bairro. Através da maquete, o visitante deficiente visual pode se localizar melhor, relembrando caminhos por onde passou até chegar ao Museu.

Na Sala Anjos Barrocos há reproduções em resina acrílica com relevo dos principais movimentos executados pelos atletas de futebol e de Pelé e Garrincha na sala que homenageia os craques. Já na “Na Sala dos Heróis, o visitante deficiente visual acessa um painel circular que representa a sala; composta de estrutura com triédros que, ao girarem, apresentam três diferentes reproduções em relevo (em resina acrílica tamanho A3) de personalidades da cultura brasileira dos anos 30 e 40.

Ao término da visita, Desiree Rodrigues comentou sua experiência. “Gostei do trabalho direcionado ao deficiente visual, pois possibilitou que eu conheça e entenda o local. O trabalho foi maravilhoso, pois tem o piso tátil, a possibilidade de tocar nos trabalhos expostos e os recursos de áudio que nos dão total interação ao local”.

O Museu do Futebol é totalmente acessível a portadores de deficiências físicas e localiza-se na Praça Charles Miller, no estádio do Pacaembu em São Paulo. Abre de terça a domingo, das 10 às 17 horas. Consulte horário de funcionamento em dias de jogos no Estádio do Pacaembu.

Serviço – Museu do Futebol

Museu do Futebol: Estádio do Pacaembu (Praça Charles Miller, s/n).

Estacionamento: Praça Charles Miller – Zona Azul (posto de venda oficial Museu do Futebol).

Mais informações: www.museudofutebol.org.br

Ingressos: R\$ 6,00 (inteira) /R\$ 3,00 (meia-entrada)

Gratuito às quintas-feiras.



Atletas do Instituto Superar fazem sucesso no Meeting Internacional Brasileiro

“Chuva de medalhas” para os brasileiros patrocinados pelo Superar: foram 39 entre as modalidades da competição

O complexo Esportivo do Maracanã, no Rio de Janeiro, foi palco pelo segundo ano consecutivo do Meeting Internacional Paraolímpico Loterias Caixa, competição de atletismo e natação que faz parte do calendário de eventos do Comitê Paraolímpico Internacional. Participaram do evento cerca de 150 atletas, de 19 países.

As provas de natação aconteceram no Parque Aquático Júlio Delamare, no final do ano passado, quando os atletas deram um show dentro da água para seus amigos, familiares, fãs e torcedores, dentre os quais alguns que possuem algum tipo de deficiência física e não puderam assistir, já que a arquibancada ainda não tem acessibilidade, apesar dos banheiros já estarem adaptados.

O Instituto Superar percebeu o crescimento do esporte paraolímpico, a garra e a vontade de brasileiros com deficiência de praticarem esporte e se tornarem atletas. Então começou a investir nos esportes paraolímpicos, na forma-



ção e capacitação dos atletas. Levou para a competição 17 atletas, dentre eles, alguns que subiram no pódio por mais de uma vez.

Este é o caso do atleta Daniel Dias, vencedor das provas de 100m livre e dos 50m borboleta na classe S5, comprovando o sucesso dos brasileiros. Ele diz que fica muito contente em fazer parte da equipe do

Instituto Superar, pela existência do projeto do qual faz parte e por estar ajudando vários atletas, principalmente aqueles que estão no processo de iniciação.

Ana Clara Cruz, classe S6, era atleta do São Caetano e há um ano ficou sem clube. Foi quando Edilson Alves Tubiba, diretor técnico do CPB, indicou-a para o presidente da Instituição, que a convidou, pois já conhecia seu talento. Hoje, a jovem atleta do Instituto Superar diz “que a Instituição fornece todo apoio que preciso, paga academia, meu técnico e tudo o que necessito com relação à saúde e material esportivo”.

Instituto Superar: a base para a escalada dos atletas

O Instituto começou como uma ONG, criada pelo presidente Marcos Malafaia, para possibilitar uma melhor imagem dos seus ideais, com o princípio de que o esporte paraolímpico poderia ser um bom produto de mercado e se profissionalizar, como qualquer outro segmento esportivo mundial. Assim, fazendo com que os recursos possivelmente arrecadados girassem para o próprio negócio, e não virassem um mero lucro. O segundo passo foi transformar a instituição numa OSCIP, e a partir daí trabalhar, criar e conquistar fatias deste novo mercado esportivo brasileiro.

Segundo o presidente do Superar, a instituição é in-

questionavelmente forte, líder deste segmento em franco e aberto crescimento. Por mais que o plano de voo seja muito claro e articulado, ele acha que o Superar pode chegar até bem mais longe do que propõe.

Malafaia finaliza dizendo que ficou satisfeito com os resultados. E que os atletas são a maior glória e orgulho do Superar. “A relação deles com o Instituto, comigo particularmente, e com a nossa equipe de trabalho, chega a ser emocionante”. Diz ainda que as vitórias dos atletas são comemoradas no Superar como vitórias de todos. “Formamos mesmo, sem hipocrisia, uma grande família”.

Falando pelas Mãos



O NA LUTA conheceu o brilhante trabalho com LIBRAS e musicalidade de Nilton Câmara lá no Ceará e foi saber:

- Oi Nilton, nosso jornal busca transmitir informação, em todas as instâncias possíveis, ligadas às pessoas com deficiência e às deficiências de uma maneira geral. Por isso o nosso nome, NA LUTA, e por isso escolhemos você com seu trabalho para colaborar conosco e com nossos leitores.

1. Sabemos que você começou a relação com a deficiência auditiva ainda adolescente, uma fase em que normalmente o jovem busca aventuras e não tem muita seriedade. A questão é: o que o moveu nesse sentido? Por que você se aprofundou na área?

Há 12 anos que me fazem essa pergunta e sempre respondo da mesma maneira: com certeza, foi um chamado de Deus, minha missão aqui na terra. Foi algo do tipo “amor a primeira vista”. Claro

que no início tudo era feito de forma amadora e sem muita seriedade, mas aos poucos a coisa foi tomando outro rumo, sob efeito bola de neve, ao ponto de me encontrar totalmente envolvido não só no trabalho com pessoas surdas, mas também na causa de um modo geral das pessoas com deficiência. Para quem está fora, talvez não entenda muito bem, mas para aqueles que assim como eu estão envolvidos direta ou indiretamente sabem que é um mundo totalmente apaixonante.

2. Foi fácil para você o aprendizado nessa especialização? Ou melhor, houve alguma dificuldade absorver essa outra forma de comunicação?

Muita gente me questiona sobre o aprendizado da LIBRAS: se é fácil, quanto tempo leva para aprender, ou então, se precisa ter um dom especial, etc. Como em tudo na vida, seja no aprendizado de alguma língua e/ou determinado trabalho, tudo vai depender da motivação e determinação de cada aluno. Agora, a prática é fundamental neste aprendizado lingüístico. Quanto mais contato eu tiver com a comunidade surda, melhor e mais eficaz será a minha desenvoltura. Eu tive bastante facilidade, costume dizer que fui autodidata, apenas observando e tentando imitar (reproduzir) os sinais utilizados por alguns surdos e intérpretes em uma igreja local há 12 anos. Muitas pessoas que estão iniciando neste mundo da Surdez e da LIBRAS têm vergonha em sinalizar, afinal, utilizar a língua de sinais é algo bastante visível e que precisa fazer uso de todo o corpo, expressão facial; assim, para muitos, a timidez é a principal barreira, mas com o tempo e prática isto vai se tornando algo normal e natural.

3. Sua tendência artística já existia? Ou a LIBRAS foi um potencializador para você?

Eu sempre fui uma pessoa movida para a arte e principalmente para a área social. E na LIBRAS, coincidentemente (ou não) a área musical foi por onde tudo começou, tive uma sensibilidade maior e é claro, desafiante. Desde pequeno sou uma pessoa muito determinada e

sempre gostei de desafios. E levar a música ao mundo dos surdos foi e sempre será um grande desafio, no qual tive que pesquisar bastante, muitas horas praticando e até mesmo criar minhas próprias técnicas musicais para adaptar-se ao mundo dos surdos. Mas, com certeza, através da LIBRAS, minha veia artística ficou mais aguçada.

4. Como surgiu a ideia de canalizar a LIBRAS num cenário artístico musical? Isso num contexto onde o público leigo geralmente não associa sonoridade e surdez.

Até hoje muitas pessoas duvidam ou criticam o acesso do surdo ao mundo musical, mas nesses 12 anos de experiência pude concluir que tudo depende da maneira como abordamos, ou seja, a didática e metodologia que levamos aos nossos alunos; e também objetivar este trabalho artístico. Afinal, muitos de meus alunos e participantes do Grupo de Dança Surdos Videira conseguiram bons resultados em diversas áreas de suas vidas, seja na área familiar, pessoal, educacional e/ou espiritual. Mudanças positivas de comportamento, fazendo com que o próprio surdo acredite e faça uso deste potencial que esteve guardando e em silêncio durante toda a vida, ou seja, inutilizado. Confesso que no início não foi uma tarefa muito fácil, muitos não davam credibilidade, e aos poucos eu tive que ir abrindo portas e rompendo barreiras do preconceito; mas hoje, graças a Deus, todos reconhecem e admiram este trabalho ao ver que o sujeito surdo é capaz de superar limites e ingressar no cenário artístico musical por meio da LIBRAS.

5. Quais as barreiras e facilidades no desenvolvimento do projeto, até culminar no DVD?

Como já explicitei um pouco acima, a barreira do preconceito, infelizmente, ainda é latente, mas quando estamos focados, com amor e profissionalismo, tudo é superado. O DVD “Grandes Momentos – Musicalidade em LIBRAS” surgiu de forma espontânea e natural. Por viajar todo o Brasil para participar de eventos, ministrar palestras e oficinas, percebi que havia uma escassez muito grande de materiais na área da Surdez, principalmente, voltados para a musicalidade – um ramo ainda novo e que está em desenvolvimento -, no qual fui um dos pioneiros. E o que mais queria era compartilhar com surdos e ouvintes esses momentos de minha carreira e experiências (técnicas) na área musical. Neste DVD, inovamos em tudo: todo em LIBRAS, filmado em tecnologia HD, canções para todas as idades e em diversas temáticas, como, por exemplo, música para o dia das mães, amizade, namorados, no qual conta com a participação da Miss surda Vanessa Vidal, que sempre esteve presente desde o início de minha carreira e é um símbolo de luta em nossa sociedade; a música das vogais com animação em 3D, incluindo também o nosso Hino Nacional, muito útil para aqueles que trabalham na área da Educação. Além das dez canções em formato de clipe, é possível escolher a opção de legenda (Português), que contribui para o aprendizado dos surdos;



e também há um documentário no qual explico sobre algumas técnicas na tradução de músicas em língua de sinais, características linguísticas da LIBRAS e repasso também algumas dicas. Enfim, estou muito feliz com a aceitação do público em geral com este meu novo trabalho.

6. Para quem tem curiosidade, ou se percebe com tendência de envolvimento fácil com pessoas surdas, e, deseja se especializar como intérprete de LIBRAS, você considera um possível mercado profissional?

Claro! Mas é como eu comentei anteriormente, tudo vai depender da determinação e principalmente, envolvimento deste profissional na Comunidade Surda. Hoje, a LIBRAS já é reconhecida em nosso país como língua oficial e é possível desenvolver trabalhos em diversas áreas como intérprete e/ou instrutor de LIBRAS, seja na área educacional, jurídica, religiosa, na área da saúde, enfim, para o bom profissional sempre haverá portas abertas. Não basta fazer um curso qualquer de língua de sinais e sair por aí tentando ganhar a vida; é preciso especializar-se em uma determinada área, estar sempre envolvido no mundo dos surdos, lutando e defendendo a bandeira da surdez, reciclar-se e, como em toda e qualquer profissão, ter amor e prazer naquilo que faz.

7. Qual a recepção do público ao seu trabalho? O público fora do meio que já lida com a surdez?

Hoje, graças a Deus, fico muito feliz com a receptividade do público em geral pelo meu trabalho; a sociedade tem aberto as portas para mim e sou respeitado em todo o país, não apenas pelos surdos, mas por todos aqueles que reconhecem a importância e urgência da inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiência em nosso meio. O carinho que tenho recebido das pessoas, desde crianças a adultos, é o que me impulsiona a seguir neste trabalho e a trilhar por caminhos muitas vezes árduos. Recebo várias mensagens de pessoas que estão iniciando neste mundo encantador da LIBRAS – e que serão futuros intérpretes – dizendo que têm o meu trabalho como inspiração e que sou um modelo para eles, e com certeza, isto alegria meu coração, sei que estou no caminho certo.

8. Como é o feedback dos surdos com essa musicalidade? E como é a percepção dos ouvintes ao 'som expressado em movimentos das mãos'?

Hoje os surdos estão mais abertos para este trabalho, principalmente ao ver que eles são capazes de ingressar no mundo musical, sendo os próprios autores e atores de sua musicalidade. Falar de música para o sujeito surdo é fisicalizar o corpo, ou seja, utilizar-se de toda uma expressão corporal para produzir “a música sentida”. Não basta apenas fazer com que os mesmos sejam meros copiadores de um intérprete, como é feito até hoje em diversos estabelecimentos que tem um coral de surdos – inclusive, fiz isto também no passado. Mas quando mudamos nossa visão, nosso olhar para o sujeito surdo, acreditando em suas potencialidades e dando espaço para o mesmo desenvolver-se enquanto ser musical, seremos surpreendidos por tal superação. A música está presente na vida do ser humano há muitos séculos e ela não foi feita SOMENTE para quem escuta; seja surdo ou ouvinte, todos têm a mesma capacidade, claro que, é preciso toda uma adaptação, seja o indivíduo surdo, cadeirante, ouvinte, deficiência intelectual, etc.

9. Qual é a maior LUTA da comunidade surda no nosso meio social contemporâneo? E quais suas maiores conquistas?

A luta diária das pessoas com deficiência é a de romper a barreira do preconceito que ainda impera em nossa sociedade, infelizmente.

te. E esta luta é compartilhada não apenas por sujeitos surdos, mas também por familiares e todos aqueles que promovem a inclusão e buscam uma sociedade mais acessível. Falar de acessibilidade na Comunidade Surda é, em primeira instância, pensar em acessibilidade linguística, isto é, ter a sua língua - no nosso caso, a LIBRAS-, respeitada, valendo seu direito linguístico para que o cidadão surdo possa participar de maneira igualitária em nossa sociedade, cumprindo seus direitos e deveres. Muitas têm sido as nossas conquistas, como, por exemplo, a oficialização da LIBRAS e a regulamentação da profissão de intérprete de língua de sinais, surdos que estão cada vez mais ingressando no mercado de trabalho, conquistando assim o seu espaço; surdos que estão no ensino superior, a promoção de vários cursos e disciplinas de LIBRAS oferecidas em diversas áreas, etc. Não podemos parar por aqui. A nossa LUTA é e sempre será diária.

10. Você se sente gratificado com seu trabalho? Até que ponto e por quê?

Totalmente. Não consigo me ver atuando em outra área; eu sou e estou completamente satisfeito com o meu trabalho e a cada dia sou desafiado a vencer e a subir mais degrau, sempre na determinação de fazer algo a mais pela humanidade. O reconhecimento é bom, elogios fazem parte e o retorno financeiro é consequência. Mas tudo isso nada adiantaria se não fosse o amor por esta obra, ao ver, por exemplo, um sorriso estampado no rosto de um surdo, bem como, do seu familiar. Nos bastidores da vida muita coisa acontece e isso não vem a público: ver um surdo liberto das drogas, sendo alfabetizado, ou então, conquistando uma vaga no mercado de trabalho, conseguindo sua independência, construindo sua família... isto sim, é o maior retorno que eu poderia obter através da minha profissão, ou melhor, do meu chamado aqui na terra.

11. Ainda há, para você, algum projeto inédito nessa linha que tenha desejo de fazer?

Tenho vários projetos e sou uma pessoa muito sonhadora, mas confesso que entrego tudo nas mãos de Deus. Meu grande sonho é continuar levando este trabalho para todo o Brasil e também conquistar outras nações.

12. Qual a mensagem, sugestões ou pedidos de você gostaria de passar aos nossos leitores?

Que continue neste caminho, nesta LUTA, pois muitas pessoas de nossa sociedade são carentes de amor e apoio. E você que está lendo esta entrevista considere-se uma peça fundamental para que a real inclusão aconteça em nosso meio. Um simples sorriso pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas. Não desistam, jamais, dos seus sonhos, por mais que a barreira parece grande, confie em si e em Deus, que tudo dará certo. Um grande abraço para todos e em especial a toda equipe do NA LUTA. Obrigado pelo carinho e atenção de sempre.



“

quando mudamos nossa visão, nosso olhar para o sujeito surdo, acreditamos em suas potencialidades

Seis anos de pesquisas com células-tronco:



*Andréa Bezerra de Albuquerque,
37, jornalista.
Presidente da Movitae.*

necessidade de equilíbrio entre a cautela e a coragem nas pesquisas com seres humanos

A gente sempre comenta que o tempo voa. Às vésperas do Carnaval minha mãe, diz: “Daqui a pouco já é Natal!”. A gente se diverte com o exagero, mas em parte, ou melhor, a imensa maioria das vezes, ela tem razão.

Dia dois de março de 2011 a Lei de Biossegurança, que permite que sejam feitas pesquisas com células-tronco embrionárias, completa seis anos. Acho que o dia da aprovação foi um dos mais emocionantes na vida de muita gente, sabe quando a gente dá aquele suspiro de alívio? Aquele de levantar os ombros e de soltar o ar pela boca? Foi um pouco assim. Uma realização.

Mas - e vale um mas bem longo - muita coisa ainda tem de ser feita.

Vamos relembrar um pouco quais etapas são necessárias para se fazer uma pesquisa científica, no caso das células-tronco, por exemplo. Tradicionalmente primeiro acontece a pesquisa básica, rapidamente podemos lembrar de alguma aula de ciências do ensino fundamental, avental, bancada de mármore, placa de petri, pipeta e proveta, aqueles vidrinhos e compartimentos onde misturávamos substâncias coloridas, isso tudo numa complexidade inimaginável, ao menos para mim, uma não cientista.

Sabe-se que uma boa pesquisa deve ser passível de replicação, faz parte da validação de um estudo. O debruçar sobre este requer dedicação.

Em outra etapa são utilizados animais como camundongos e animais maiores.

Em uma época da minha vida eu ia semanalmente ao Instituto Butantã buscar uma vacina que meu pai tinha de tomar, e passava em frente ao espaço onde ficam os macacos Rhesus, aqueles do fator sanguíneo, foi uma época muito difícil, mas eu me sentia agradecida com eles, porque muito havia se descoberto deste modo, estudando animais de grande porte, essas pesquisas são chamadas de pré-clínicas.

Toda pessoa que está ou conhece alguém que tenha alguma doença, ou alguma deficiência, e lê o texto até aqui pode estar pensando: “Tá, tá, tá, tá, mas e aí, e as pesquisas com gente? e as pesquisas prá gente?”.

Paro um pouco de escrever, fico pensando que é mais

fácil lembrar-se das aulas de ciências a refletir sobre a angústia da espera, a angústia da espera é um amontoado de sentimentos, onde conflitam a esperança e a certeza.

Toda doença tem um peso enorme, que só fica mais leve quando um sopro de esperança surge, e surgiu com as células-tronco.

Acho que o levantar de ombros há seis anos não era alívio, era um sopro de esperança.

Na onda deste sopro tão verdadeiro vieram possíveis aproveitadores, com clínicas espalhadas pelo mundo, dizendo tratar as mais diversas enfermidades com células-tronco. Primeiro que a regra de ouro é quebrada, certo ou não, e isso pode ficar para uma outra discussão, as pesquisas não podem ser cobradas. E eles cobram, e muito.

É difícil dizer “não vá”, ou melhor, é fácil falar quando não se está nesta angústia da espera, com o sonho e o sensato duelando dentro de si.

Quem tem ou conhece alguém que tenha uma doença grave pode, por desespero, por angústia, por falta de informação, ir em busca dessas clínicas. Infelizmente.

Devemos, sem dúvida, coibir quem vende a idéia de cura cobrando fortunas e prometendo mundos e fundos. Coibir esta prática significa estar de

acordo com a verdade¹.

Mas o que temos de ver agora é o que pode ser feito aqui no Brasil.

Então temos aqui dois pontos que devem ser destacados: a importância da informação com transparência e o incentivo à pesquisa clínica no Brasil.

Eu quero a diminuição do descompasso entre a doença e a cura. Tenho certeza que você também quer, mas isso só vai acontecer se o Ministério da Saúde também quiser. Os órgãos de ética em pesquisa também precisam querer.

É preciso que haja agilidade, não podemos aceitar pouca atividade de pesquisas clínicas no Brasil por ineficiência política.

A proximidade da harmonia entre o sonho e o sensato vai além da nossa vontade, vaidade de um grupo que precisa ter humildade e coragem para colocar o Brasil num patamar melhor de ensaios clínicos.

Cautela técnica nós aplaudimos; burocracia, repudiamos.

Dois pontos que devem ser destacados: a importância da informação com transparência e o incentivo à pesquisa clínica no Brasil

¹ Leia mais sobre isso em www.movitae.org.br no item Manual do Paciente.

Câmara Federal vai lançar Frente em Defesa das Pessoas com Deficiência

Será instituída em breve, na Câmara dos Deputados, a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência, com participação dos deputados federais Otavio Leite (RJ), Mara Gabrili (SP), Rosinha da Adefal (AL) e Walter Tosta (MG), entre outros. O objetivo da frente é contar com parlamentares de diversas legendas e regiões do país para defender os interesses dessa parcela da população.

As frentes parlamentares desempenham um papel importante no Congresso Nacional, pois agem em conjunto e procuram aprimorar ou manter a legislação referente a um tema específico, independentemente das orientações partidárias. São necessárias 198 assinaturas de parlamentares para sua criação e pedido de registro junto à Câmara.

Otavio Leite destacou ao Na Luta as propostas legislativas em tramitação na Casa, como o projeto do Estatuto das Pessoas com Deficiência (Projeto de Lei 7699/06), que talvez precise ser (re)discutido mais amplamente – em audiências públicas - para viabilizar um conjunto de leis que reflita o atual universo de pessoas com deficiência.

Outro projeto importante, o de Lei Complementar (PLP) 277/05, que facilita a aposentadoria das pessoas com deficiência, pode entrar na pauta de votação do Plenário em breve. A iniciativa reduz o tempo de contribuição para a aposentadoria deles, regulamentando os artigos da Constituição



que tratam desse tema. – É um projeto fundamental para pelo menos 100 mil pessoas. O que vemos hoje é que muitos desistem de continuar trabalhando, por estarem sem condições físicas, e se aposentam por invalidez – esclareceu.

Coordenador da frente no Rio de Janeiro, Leite declarou que a

discussão com as entidades representativas dos portadores de deficiência, inclusive, é uma forma de garantir a aprovação de leis mais eficientes na proteção dos direitos dos deficientes. “Estamos debatendo sempre as regras jurídicas que protegem e criam benefícios para pessoas com deficiência. No mandato anterior, aprovamos a Convenção Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) em prol dessa causa. Agora é aplicá-la no Direito Interno Brasileiro.”, lembrou.

O parlamentar fluminense ressaltou a importância do novo grupo, do debate e da ideia de ampliar a legislação nos espaços necessários. Segundo Leite, ouvir a sociedade será o primeiro passo para deflagrar o debate no Brasil.

- Entre os grandes desafios de 2011, estão o levantamento das verbas destinadas para programas de deficientes e a fiscalização efetiva do cumprimento das leis. É preciso ter recursos, e fazer com que eles sejam executados – finalizou Leite.



Ouvir a sociedade será o primeiro passo para deflagrar o debate no Brasil.

A CULTURA SURDA NA INCLUSÃO

Rimar Ramalho Segala - Tradução: Ester Moreira
Mais Diferenças – Educação e Cultura Inclusivas

Nós surdos nos sentimos no direito de afirmar que, assim como outras pessoas com deficiência, temos sido vistos e tratados como “pessoas fora do padrão”. Padrão este que nossa sociedade vem estabelecendo como parâmetro para o que é “normal”. Temos sido vistos como estranhos, incapazes de aprender, de construir conhecimento e, em muitos casos, incapazes de viver em sociedade.

Nós surdos, muitas vezes, temos vivido isolados em comunidades que agregam surdos e alguns ouvintes. Esses ouvintes, talvez por empatia, por curiosidade, por benevolência ou outros motivos, sensibilizados e curiosos, de nós se aproximaram. Conosco aprenderam nossa língua, nossa primeira identidade: a língua de sinais. Conversamos com as mãos, com os braços, com a boca, com os olhos, com nossas expressões corporais e faciais.

Estranhos, estávamos sempre à parte. A sociedade não conhecia, e ainda não conhece, não entendia, e ainda não entende, a Libras. Assim como não conhecia e não conhece a cultura da comunidade surda. Esse desconhecimento e a distância social dele advinda têm gerado discriminação e o reforço da perspectiva de que alguém, ao nascer surdo, deve ser formado para ser, tornar-se ou colocar-se no mundo como se ouvinte fosse. Isso tem gerado os mais diversos preconceitos, fundamentados na suposição de que existe um padrão específico do que é ser humano e adequado para se estar em sociedade.

Acredito que os surdos têm sido vistos pela sociedade, quase que unicamente, a partir do reconhecimento de uma de suas características: sua surdez, seu diagnóstico de pessoa com deficiência e pela “orelha”, como os surdos costumam perceber. Mas nós surdos, como todos os outros integrantes da sociedade somos muito mais do que uma única característica pessoal ou coletiva: sentimos, pensamos, rimos, choramos, nos comunicamos, aprendemos, ensinamos, enfim, vivemos.

Um dos maiores desafios dos surdos tem sido a busca da afirmação da LIBRAS como língua legítima da comunidade surda. Muitos de nós, sofremos oposição a essa forma de comunicação em nossas casas, no interior de nossas famílias, na escola, entre os amigos, na vida cotidiana. Muitos acreditam que, o melhor para nós, é que nos aproximemos o máximo possível do modo de ser dos ouvintes e que a língua de sinais seria um distanciamento desse modelo. Desse ponto de vista, a oralização e o português seriam as possibilidades verdadeiras para a nossa inserção social.

Por outro lado, há grupos que reconhecem a importância da língua de sinais na constituição dos surdos como seres sociais que se comunicam, percebem e pensam o mundo através de estratégias diferentes dos ouvintes, que reconhecem e respeitam as nossas diferenças. Assim, esses grupos têm participado, ao lado de várias comunidades surdas, da luta pelo reconhecimento da

LIBRAS como uma língua brasileira, e pelo reconhecimento da cultura surda como uma das culturas constituintes da nossa sociedade, devendo ser conhecida, respeitada e compartilhada.

Nesse sentido, tenho que destacar como uma das grandes vitórias da luta dos surdos brasileiros o reconhecimento da LIBRAS como língua oficial brasileira, através da promulgação da Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002 e do Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

E, é preciso também, destacar o processo que estamos vivendo em nossa sociedade de defesa e construção de estratégias que viabilizem e garantam a inclusão real de todos na vida social, especialmente das pessoas com deficiência, através da equiparação de oportunidades, reconhecendo e valorizando as diferenças. Esse processo pode ser percebido nas várias políticas e estratégias que postulam a inclusão das pessoas com deficiência.

Como todo processo, ainda há muitos caminhos a serem percorridos, para que de fato estejamos todos em igualdade de condições na sociedade. E, é preciso que estejamos sempre atentos para que o processo de inclusão não se torne mais uma forma de exclusão, restringindo-se apenas ao atendimento das regulamentações legais. Precisamos garantir que a inclusão se torne um processo intrínseco da nossa cultura.

Nós Surdos e a equipe da Mais Diferenças gostaríamos de compartilhar com vocês, leitores, um pouco do processo que temos vivido na defesa da afirmação da Língua Brasileira de Sinais, como estratégia fundamental para o processo de inclusão das pessoas com deficiência, especialmente no universo educacional. Esse não tem sido um processo fácil, sabemos que demanda tempo, políticas e estratégias pedagógicas. Um primeiro passo é o reconhecimento da importância da LIBRAS no processo de inclusão mas, é preciso também, que continuemos regando essa primeira semente, para que de fato LIBRAS e inclusão caminhem juntas.

Acreditamos que a defesa da acessibilidade comunicacional, em especial, a inclusão da LIBRAS no sistema de ensino, seja fundamental para fazer da inclusão uma realidade. Aprender LIBRAS é também conhecer e reconhecer a cultura surda. Mas também é importante que nós surdos tenhamos acesso à língua portuguesa escrita. Acreditamos que esses primeiros passos podem começar a garantir uma equiparação das relações de poder entre surdos e ouvintes.

Eu acredito, especialmente, que ao enfrentarmos as questões que envolvem o processo de inclusão, as questões que envolvem o reconhecimento da importância do ensino da LIBRAS e do compartilhamento da cultura surda com a sociedade mais ampla, estaremos alterando as relações de poder postas tradicionalmente entre surdos e ouvintes e, dessa forma, acredito que poderemos contribuir para a construção de um mundo melhor para todos.



Rua João Moura, 1453 - Pinheiros - São Paulo - SP - Brasil - Cep 05412.003 - Fone: 55+ (11)3881.4610

SOBRE O QUE NEM IMAGINAVA E HOJE É COMUM

A questão da Pessoa com Deficiência – PcD, denota aspectos curiosos em nossa contemporaneidade. Somos passageiros transitórios no barco da mudança. Saímos, ou melhor, embarcamos numa nave imperceptível de caminho único e felizmente com passagem sem volta. Como diz o lema do fictício herói da série de animação do cinema infantil, Toy Story, Buzz Lightyear: “ao infinito... e além”.

Nessa transição, ou mudança sociocultural, todos nós somos ‘causa e efeito’, na verdade, no registro histórico, é gente lidando com gente. Isso mesmo, pois, considerando os possíveis fatos alheios à nossa vontade, resultantes de posturas boas ou negativamente preconceituosas e advindas do meio comum, tudo simplesmente vai indo. Vemos a passagem dos períodos e mudanças do todo social, numa mudança linear, aonde esse mesmo ‘todo social’ percebe hoje que características – mesmo as consideradas deficiências – são comuns e inerentes à nossa heterogeneidade. Mas, sem uma percepção coerente sobre a diferença, às vezes ainda criamos impedimentos a essa mesma diversidade ao qual nosso coletivo é formado.

Em condições subliminares a barreira invisível dessa resistência, impregnada de equívocos contra o que atrevidamente posso chamar de propenso ‘homo inclusivus’, continua por aí no inconsciente coletivo, debilmente ainda encouraçada pela armadura da ideologia reativa; que hoje fragilizada começa rendendo-se ao que se tornou pós formatado. Ou seja, vemos que o relutante e pontual ‘status quo’, ou situação regular do momento, vai assumindo novo paradigma. Com isso, felizmente, somos literalmente contagiados sem perceber. Isto quer dizer que, com inúmeros movimentos a ‘nave’ está indo em frente. Na representação cronológica desses embates e reivindicações sociais de longa data, vemos hoje o legado de alguns ‘Capitães’ de outrora, que assumiram o timão envolvendo suas ‘tripulações’, e, atiraram-se num rumo incerto, no ‘revolto oceano’ de preconceituosos estereótipos negativos e barreiras arraigadas na sociedade, iniciando ações contrárias à exclusão. Mesmo sendo esse modelo aceito como normal pelo que se via e fazia às PcD, no efeito do conceito darwiniano da ‘sobrevivência do mais forte’, onde entendia-se também ao ‘homo sapiens’ de nossos dias. Grosso modo, era mais simples excluir o incomum ou fraco da ‘selva civilizada’ do que criar alternativas inclusivas. Porém, muito disso ainda existe, ainda que menos incisivo. Entretanto, não quero propor nenhuma preocupação ontológica sobre a origem reativa, já foi e não adianta ‘caçar bruxas’. Temos de meter a mão na ação! Entender o que temos hoje, e dar apoio aos que assumem a continuidade



do processo. Fica no registro do que vivemos! Até mesmo porque a maioria das pessoas simplesmente embarca nos resultados. Como digo: “fulano gosta da comida sem ter que pensar na cozinha!”

E convertendo todo esse histórico descritivo, creio que posso fazer uma analogia do: ‘ontem, hoje e amanhã’; entre o que tínhamos, o que vemos acontecer e o que pressupomos vir. Por exemplo, antes em programas de TV, PcD era mera notícia sensacionalista (quando era!), hoje, temos a Flavinha Cintra (tetraplégica) como repórter do mega assistido Fantástico; ou a querida Juliana Oliveira (também tetra), como apresentadora e tendo parte da equipe de PcD nas externas do Programa Especial; telenovelas, como a última ‘Viver a Vida’ e questões como deficiência, alcoolismo e anorexia, como ponto forte. Políticos com deficiências severas sendo eleitos, fazendo excelentes ações na vida pública... o paradesporto, com seus atletas aplaudidos, quando antes, sobre os poucos abnegados, nem se sabia de sua existência. Fatos pontuais entre tantos que levaria inúmeras páginas para descrever!

Mas, nessa abordagem, deficiência/tempo/sociedade, creio que posso terminar o texto fazendo analogia num curioso fato que vivi: eu num trabalho burocrático que tinha no período de lesão recente, de sapato, calça e camisa social..., sol de verão a pino, eu e o motorista numa Van..., no estacionamento da empresa. Quando passa um vizinho (que eu nem sabia que lá trabalhava). Essa mesma pessoa me vendo ali, com uma pasta de documentos... Como se diz na gíria, ‘sem noção’, para e me pergunta: - olá, vai à praia? E ele não falou de gozação, era sério. Na hora, eu meio atônito com àquilo, ponderei entre, engolir meu deboche e ficar calado, ou dar uma: ‘respostas idiotas para perguntas imbecis’; em respeito decidi pela primeira opção, afinal, na cabeça do indivíduo, impregnada por uma ideologia coisificante sobre a deficiência, eu, tetraplégico não poderia ‘estar trabalhando’ (gerundismo intencional). Mas vamos melhorando.

Fato é que quase não passo mais por situações assim, dignas de uma boa charge, daquelas como as do amigo Ricardo Ferraz; pelo contrário, as perguntas são na maioria sobre qual trabalho estou fazendo agora, a próxima viagem, em que projeto estou envolvido e por aí afora. Bom, o caso é que não sou nenhum workaholic, viciado em trabalho; muito pelo contrário, apenas gosto do que faço e faço o que gosto. Contudo, sem querer ser exemplo, sou só mais um entre tantos outros com características, possibilidades e limitações..., tocando a vida, fazendo o que antes nem se imaginava possível e que hoje é perfeitamente comum às PcD. Graças aos novos tempos.

Jefferson Maia

jeffmaia@oi.com.br

como ir! produtos para acessibilidade

A loja online da Pessoa com Deficiência. Não deixe de conhecer nossas ofertas. Acesse já.

www.comoirbr.com

SÍTIO SÓLIDÃO

queijos • frios • embutidos
cachaça de rapadura

Excelente qualidade para sua mesa.

Rua Zélia, nº 12 - Miguel Pereira - RJ Tel.: (24) 2484-2404 www.sitiosolidao.com



Acessibilidade no curso de Arquitetura e Urbanismo

Eu comecei a me interessar por acessibilidade quando estagiei na SPTRANS, pois nessa época eles estavam começando a fazer os projetos de adequação de todos os terminais de ônibus. Porém, eu não sabia praticamente nada do assunto, afinal, em 2004, isso ainda não era tão falado e na faculdade a acessibilidade não era cobrada nos projetos.

Com isso, comecei a aplicar os princípios do desenho universal em meus trabalhos de faculdade por conta própria, muitas vezes até contra a vontade dos professores. Só no quarto ano é que apareceu esse tema no curso, e ainda como matéria optativa. Continuei seguindo por essa área, e no meu trabalho de conclusão de curso fiz um Terminal de Ônibus acessível.

Quando terminei a faculdade, fui buscar uma espe-

cialização nessa área, mas só o que encontrava eram cursos livres, que falavam sobre o assunto de maneira superficial. Depois de algum tempo, encontrei na própria Universidade Nove de Julho - Uninove, onde me formei, o curso de pós-graduação em acessibilidade.

Eu me formei em 2007, e infelizmente acredito que as universidades, ainda tratem esse tema de maneira leviana, pois a maioria dos arquitetos não acha a acessibilidade “bonita”.

É de extrema importância que a acessibilidade não seja abordada como “mais uma matéria” para o curso de arquitetura e urbanismo, e sim que ela seja parte integrante da matéria de projeto arquitetônico, pois dessa forma os estudantes de hoje estarão aptos para construir para TODOS amanhã.

Arquiteta Mariana Alves

Especialista em Acessibilidade

e-mail: arq.marianaalves@gmail.com

Portifólio: www.issuu.com/alvesmari

ASSINATURA GRATUITA DO “NA LUTA”

NOME: _____

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____ CEP: _____

PROFISSÃO: _____

TIRE UMA CÓPIA DESTA CUPOM OU ENVIE UMA CARTA COM OS DADOS ACIMA CITADOS PARA O SEGUINTE ENDEREÇO: CAIXA POSTAL 16019 - CEP 22221-971 ou para o e-mail: naluta.informativo@gmail.com

Assine e Divulgue!



**Sua empresa esta preparada
para atender Mais de 6 milhões
de deficientes auditivos ?**



Koller



**Líder em tecnologia de comunicação
para surdos e deficientens auditivos**

www.koller.com.br

Alameda Santo Amaro, 652 - SP - São Paulo tel : (11) 2117-8668

O Movimento Superação-Rio com mais um grande encontro pela inclusão em 2010

A passeata teve em todo o seu percurso a contribuição dos músicos Tupã e Marcelo Yuka e as mensagens do coordenador do MOVIMENTO SUPERAÇÃO, Billy Saga

Como em outras edições o Superação-Rio, passeata em prol da inclusão da Pessoa com Deficiência – PcD, promovida pelo Instituto Novo Ser - INS, agitou a orla de Copacabana. O evento se solidificou, em sua terceira edição e a passeata se caracterizou pelo sucesso pleno, conseguido através do grande quantitativo de pessoas presentes. A repercussão da edição 2010 dessa grande manifestação, que tradicionalmente ocorre no domingo anterior ao dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, dia 21 de setembro, foi a grande participação dos presentes ao evento. O calendário segue a premissa de atender a um cronograma de eventos ligados ao tema, organizados pela ONG Movimento Superação, instituição parceira do INS, que fecha o calendário anual com o SUPERAÇÃO SP.

Na caminhada, de peculiar, houve uma pequena observação feita, em meio ao harmonioso manifesto. Foi o momento de atenção, conclamado pelo músico Marcelo Yuka, que do alto do trio elétrico de onde falava e passava mensagens positivas, observou os acenos de um grupo de 'senhores' praticantes do voleibol de areia, pedindo para parar com o nosso 'barulho'. Marcelo foi taxativo, explicou para todos a importância do evento e a sua dívida reprovadora ao ato preconceituoso; pedindo aos presentes para expressar o repúdio a tal 'postura'. Todo o movimento vibrou junto, numa grande e alta vaia aos preconceituosos e excludentes senhores nada democráticos.

Incluindo o Complexo do Alemão

Após o triste e caótico episódio em represália ao narcotráfico na virada do ano no Rio de Janeiro o cenário de paz se consolida. No dia 20 de fevereiro de 2011 aconteceu o 1º evento inclusivo de PcD no Complexo do Alemão, o "Incluindo o Alemão", que foi promovido pelo Instituto Convivendo em parceria com o Rio Quad Rugby Clube e a ADEZO - Associação de Apoio as Pessoas Portadoras de Deficiência da Zona Oeste, sob apoio do CEFAP - Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Oficiais Praças da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e a Força de Pacificação do Complexo do Alemão. O evento se deu numa quadra esportiva - um dos imóveis abandonados pelos traficantes em fuga -, e hoje, a partir desse evento o Instituto Convivendo, juntamente com a Associação de Moradores do bairro, espera transformar o local num espaço de futuros projetos sociais abertos à toda comunidade. O evento contou com apresentações de vídeos e jogos paraolímpicos, Rugby e Tenis de Mesa, dança adaptada, exposição de quadros de pintores da APBP - Associação de Pintores com a Boca e os Pés. Música clássica e artesanatos feito por artesãs do Complexo do Alemão.

Para quem quiser saber mais o Instituto Convivendo está disponível em: www.institutoconvivendo.org.br e o Incluindo o Alemão foi realizado, na Quadra da Canitar, em Inhaúma, localizada na Rua Canitar, nº 753, Complexo do Alemão e contou com grande presença dos moradores e cobertura ampla da imprensa.

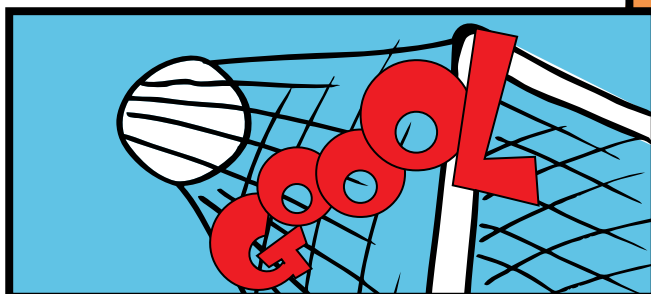
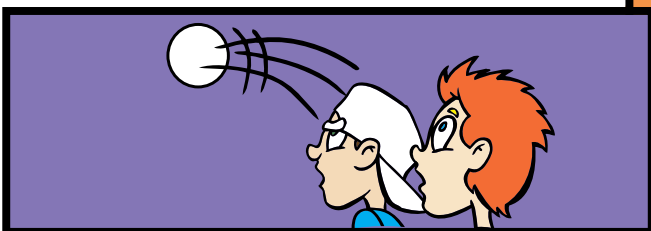
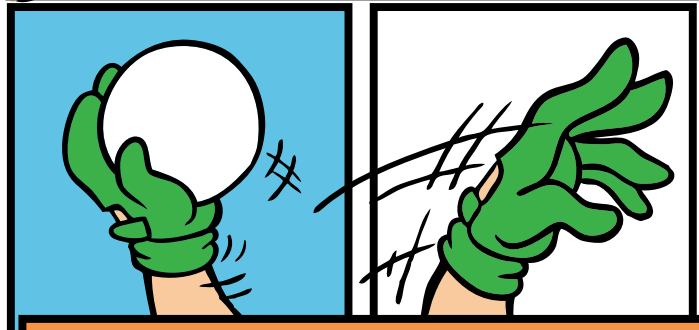
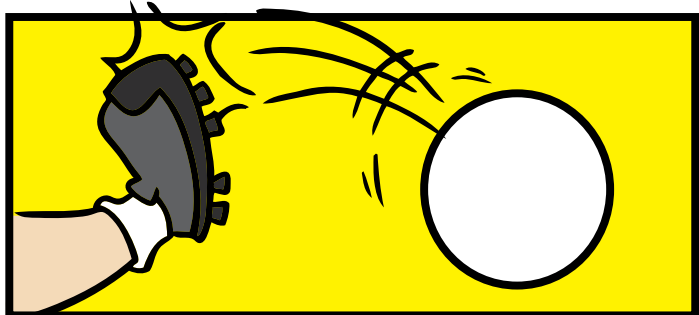
inFOCCO
trade.tecnologia



COMPRE SEM SAIR DE CASA!

COMPUTADORES
NOTEBOOKS
NETBOOKS

IMPRESSORAS
MONITORES
TELEVISORES LCD E LED



Na **AGO** você não precisa escolher entre o melhor atendimento e o menor preço.



PARTNER ESCAPADE PASSAGEIRO

MOTOR 1.6 FLEX 113 CV • AR / DIREÇÃO / VIDROS E TRAVAS • FAROL DE NEBLINA

R\$ **41.990,00** OU ENTRADA + **60 X R\$ 655,36**



PREÇOS ESPECIAIS
PARA FROTISTAS E PORTADORES
DE NECESSIDADES ESPECIAIS

AGO

A. Senna, 9001

Américas, 707

2156-1500

2127-1500



PEUGEOT
MOTOR E MOTION

